



O mestre nu põe-nos perante uma tensão que se difunde para além de uma simples questão epistemológica. Esta será uma tensão entre a noção de aprendizagem através de uma hierarquia de poderes e saberes e a noção de mestre que se desnuda de assunções, sempre indagando e propondo uma aprendizagem experiencial enquanto processo de incorporação próprio do aprendiz. Será então necessário sofrer o frio e o calor para descobrir a necessidade de aquecer, ou basta acreditar naquele que nos diz que a roupa aquece, aceitando essa informação?

O mestre nu, entendido não apenas como um mestre de suspensão, da intuição sensível, do contacto mas também como mestre já sem verdades absolutas, desafia-nos para um debate sobre a necessidade de mediação no acesso ao conhecimento, em tempos em que a informação está “em todo sítio”.

O estado nu do mestre integra a percepção de corpo como central ao conhecimento. Neste âmbito, as ciências cognitivas têm vindo a confirmar aquilo que as artes vêm experimentando: a percepção motora, sensório-somática e experiencial é a fundação da nossa capacidade de conhecer. Já Merleau-Ponty realça que é da experiência encarnada que decorre o sentido de subjetividade.

Ao desnudar-se, o mestre vem ainda questionar o corpo enquanto fonte e prática de conhecimento, enquanto interface de relações pedagógicas, espaço de reciprocidades, ambiente de encontro e contacto das pessoas entre si, e das pessoas com os seus sabores e saberes. Mas que corpo é esse?

Perante este quadro, toda uma série de outras questões se coloca:

O que é o saber, que modos de saber devemos ponderar (um saber informativo, experiencial, intuitivo...)?

Como partir do corpo sensível como fonte de conhecimento? Se o conhecimento surge enquanto experiência sensório-somática de cada um, e se dá nas relações e projeções de cada um, então o que faz o mestre? Como gerar conhecimento em comum? Educar significa guiar, mas como guiar por um caminho que poderá ser qualquer um, mas não um qualquer?

Como fazer a suspensão de saberes intrínsecos a predefinições culturais e pessoais?

Quem nomeia ou quem proclama um mestre? Até onde nos poderá conduzir esta aclamação – estamos perante um mestre quando este nos remete para uma dependência imóvel em vez de uma abertura movente? Será o desejo de ter mestres que gera a mestria? Por outro lado, existe mestre sem aprendiz? Que novas disposições e modos de aprendizagem poderemos experimentar?

## Mesas temáticas

### **O saber pelo sabor - moderação: Cecília de Lima**

Nos dias de hoje, numa época de *booms* de conhecimentos em mudanças aceleradas, estes vêm sendo transmitidos de modo imediato, impaciente, tornando-se conhecimentos sem sabor, sem sentido incorporado. Husserl propõe acolher a nudez do conhecimento, *suspendendo* o nosso envolvimento cotidiano. Neste sentido, Susan Sontag (*Against Interpretation and Other Essays*, 2001) sugere a necessidade de aprender a desnudarmo-nos de interpretações e recuperar os sentidos, aprender a ver, ouvir e sentir melhor.

No corpo que se desnuda, a pele vulnerável sente mais intensamente deixando-se afetar pelo mundo. Vivem-se momentos em que se suspendem os saberes e se saboreiam os sabores. Solto do peso das vestes o mestre vem então lançar múltiplas questões: como se recuperam e intensificam os sentidos sensoriais? Como se relacionam os sabores aos saberes? Como se aprende e se descobre o mundo saboreando/experimentando? Porquê este outro paradigma?

### **Descobrir no reino do Serendip - moderação: Daniel Tércio**

O que é serendipidade?

Serendipidade atravessa todos os campos científicos, frequentemente na posição de ponto de descoberta no processo de pesquisa. Ela corresponde a um estado de abertura e pressupõe uma predisposição para a diferença no âmago do comum. Seguramente, está no centro da inovação artística. Serendipidade fica assim na linha de encontro entre ciência e arte. Ou mesmo antes dessa linha, já que, por exemplo, a descoberta da roda teria acontecido antes da diferença entre um e outro campo. Na verdade, em ambas – nas metodologias científicas e na investigação artística – serendipidade refere-se à descoberta inesperada de algo. Será que é condição dessa descoberta a ausência de mestre? Ou basta que esse mestre (o mestre que vagueia nas fronteiras do reino de Serendip) seja simplesmente o daquele que larga o lastro, que se revela vulnerável, que vive no seu corpo os afetos e que se deixa afetar pelos outros?

### **Aprender (na era) digital. O mestre na ponta dos dedos? - moderação: António Rodrigues**

Na suspensão do conhecimento, escuta-se um corpo. O do mestre. Onde as marcas visíveis e invisíveis transportam as perícias da vida que experimentou e experimenta. Serão elas que iluminam o saber ou exortarão a caminhar na sua direção? Dessas marcas despontaram topologias, lugares e dispositivos para novos encontros, onde os aprendizes refletem o tempo, o espaço e as forças do seu próprio corpo. O universo à distância de um corpo que dedilha, de um corpo que digita. O mestre incorporado na técnica? Um novo dispositivo? Como outrora, o papiro ou o livro. Ou um novo lugar para aprender? Como transformar em marcas o que se acede nesses outros lugares? Quem transfere a vontade para os aprendizes se sentirem marcados? O acaso? A necessidade?

### **O verso do avesso - moderação: Elisabete Monteiro**

Questionar, como um passo atrás para avançar, evoca lugares de esquecimento e de memória(s), numa amplificação perceptível do sentir. Faz emergir saberes que nascem com a dúvida nos diálogos plurais entre singulares. Um saber de incertezas que a arte procura, decompõe e provoca a ruptura. É preciso aprender a desaprender de modos diversos e percursos vários, ímpares. Mas caminharemos com a preocupação de partilha das inevitáveis e preciosas diferenças? E quanta ousadia da descoberta e aventura nos permitimos, nos permitem, para lhe saber o sentido? Somos artesãos da própria jornada nos caminhos que trilhamos? E o peso desses lugares, desses tempos na bagagem, impedem-nos de avançar? Impelemos? E que olhar, com a curiosidade e o deslumbramento como se fosse a primeira vez, esse olhar inaugural, arriscamos experimentar? Como ir a outro lugar? Qual a fronteira da chegada? Será, como disse Saramago que 'o fim de uma viagem é apenas o começo de outra' ou a ambígua contradição de um eterno retorno ao mesmo?

### **Políticas do “saber”: encontros e agenciamentos - moderação: Andréa Bergallo e Milene Duenha**

Mediar aprendizados, redimensionar projetos e desenvolver procedimentos, dentro ou fora da academia/instituições implica em um exercício contínuo de reflexões críticas sobre conceitos e comportamentos/relações sociais, em especial, sobre nossas próprias formas de proceder. Essas três potentes possibilidades de ação flutuam em agenciamentos de encontros nos quais o lugar do saber como poder pode abrir espaço para a percepção de potências na descoberta mútua, no não-saber. Neste sentido, o convite carrega também a necessidade de se assumir as implicações políticas de ser mestre ignorante, como nos traz Jacques Rancière, descobrindo, a cada novo encontro, como sê-lo. Como proceder no contexto ensino – aprendizagem como um mestre desarmado de saberes prévios? Ou, talvez, como agir “a ausência de um mestre” para dar espaço às possibilidades de mundo desvendadas nos encontros? O que podem os corpos sem mestres?



inet  
Instituto de Etnomusicologia  
Universidade Nova de Lisboa



MH  
MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

